

Ensino de Biologia na Educação Prisional e a exibição de documentário, filme de curta e longa metragem

Teaching Biology at Prison Education and the watching a documentary, short and feature film

Elisângela Caldas Braga Cavalcante¹

Maria Luiza de Araújo Gastal²

¹Secretaria de Estado de Educação do DF

²Universidade de Brasília / Instituto de Ciências Biológicas

¹*elisangelacbcavalcante@gmail.com*

²*malugastal@gmail.com*

Resumo

Buscando identificar estratégias que favoreçam o ensino de Biologia no ambiente prisional, a presente investigação procurou esclarecer se a exibição de filmes de longa metragem, curta metragem e documentários podem incentivar o diálogo em aulas de ciências e biologia, bem como o interesse despertado por essas três modalidades entre os alunos. Foram exibidos os filmes “A Ilha”, “A Ilha das flores” e a “Máquina alimentar”; posteriormente foram suscitadas discussões e solicitadas atividades. O trabalho foi realizado no contexto da pesquisa qualitativa, e a pesquisadora atuou como observadora participante. O referencial pedagógico que fundamentou a investigação foi Paulo Freire. O material resultante da intervenção indica que filmes podem favorecer o ensino de ciências/biologia na educação prisional, principalmente o de longa metragem, pois desperta maior interesse entre os alunos, favorecendo o diálogo e a aproximação entre o preso e a vida em sociedade.

Palavras-chave: Cinema e ensino de ciências, educação prisional, ensino de biologia, Paulo Freire.

Abstract

Trying to identify strategies that favor the teaching of biology in the prison environment, this research sought to clarify whether commercial films, short movies and documentaries can encourage dialogue in science and biology classes, as well as measure the interest aroused by

these movies among the students. The films "The Island", "Island of Flowers" and "eating machine" were shown to the students, followed by discussions and activities. The study was conducted in the context of qualitative research and the researcher acted as a participant observer. The pedagogical framework underlying the research was Paulo Freire's theories on dialogicity and reading of world. The material resulting from the intervention indicates that films can support education in science and biology in prison, especially the commercial film, as it arouses greater interest among students, encouraging dialogue and rapprochement between the prisoner and life in society.

Key words: Prison education, movies and science teaching, biology teaching, Paulo Freire.

Introdução

A Educação é um direito essencial para o pleno desenvolvimento de uma pessoa. Quer seja criança, jovem ou idoso, todos estão em constante formação. Entretanto, apesar de sua importância, existem pessoas que não tiveram acesso a ela, quando crianças, ou não tiveram condições de prosseguir seus estudos por razões econômicas, sociais ou familiares. Os jovens e os adultos interessados em melhorar a própria escolarização, podem iniciar ou retomar suas atividades escolares através da Educação de Jovens e Adultos - EJA.

O direito à Educação para jovens e adultos é decorrente de um processo histórico e social que, gradativamente, vem favorecendo o acesso à educação ao longo da vida e provocando o debate acerca de metodologias específicas de ensino a essa modalidade. Diferente dos jovens e adultos escolarizados que buscam, através do estudo, aprimorar sua formação ou desenvolver outras aptidões, como artes ou línguas estrangeiras, os jovens e adultos da EJA são aqueles que não puderam sequer concluir o ensino fundamental ou o médio. Representam, a princípio, alguém que sofreu algum grau de exclusão, e em geral, são pertencentes às camadas populares (OLIVEIRA, 1999). Portanto ao se pensar em EJA devem-se considerar três aspectos relevantes de seus sujeitos: "*condição de 'não-crianças', condição de excluídos da escola e condição de membros de determinados grupos culturais.*" (OLIVEIRA, 1999, p. 60).

O fato de uma pessoa encontrar-se presa não lhe tira o direito de acesso à Educação. Entretanto, apesar da escolaridade da maioria dos detentos ser baixa, apenas uma pequena parcela deles estuda durante o cumprimento da pena. No DF, segundo dados da Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso – FUNAP, em maio de 2010, dos aproximadamente 8.000 presos existentes, apenas 12% estudavam (DISTRITO FEDERAL, 2010). Para garantir o exercício do direito à educação, mesmo em situação de confinamento, seria importante ampliar o número de internos que estudam e, também, identificar estratégias de ensino que possam favorecer o aprendizado no ambiente prisional.

No ambiente prisional a prioridade é a segurança. Entretanto, a educação é assegurada pela Constituição Federal de 1988 que prevê: "*a educação é direito de todos e dever do Estado e da família...*" (BRASIL, 1998, p. 120). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ainda estabelece que "*A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.*" (BRASIL, 1996,

p.20). Reforçando o preceito constitucional e a LDB, a Lei de Execuções Penais (BRASIL, 1984), determina como direito do preso a assistência educacional. Desta forma, a educação é um direito legal do encarcerado e, mesmo com as limitações existentes no presídio, relacionadas com a segurança, a educação deve ser acessível àqueles que tenham interesse em iniciar, retomar ou prosseguir a sua escolarização.

Paulo Freire assinala que *“Nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais”* (FREIRE, 1983, p. 61); neste sentido, é importante que a educação (em todas as modalidades, inclusive a educação prisional) favoreça a auto-reflexão e o diálogo. Freire (1979) valoriza o diálogo do educador com o educando e não para o educando ressaltando a importância de uma relação horizontal entre ambos com trocas de saberes e crescimento mútuo e enfatizando o diálogo baseado na valorização do educando. Segundo Freire (1979, 1989), o educador deve ser capaz de identificar e abordar assuntos que sejam do interesse de seus educandos, pois mais importante que a escola “doutrinar” os alunos é ela buscar fornecer ferramentas para que eles sejam capazes de refletir acerca de si mesmos, acerca do mundo e acerca de sua inserção e atuação no mundo.

Considerando a importância do diálogo e dos interesses dos alunos e, ao mesmo tempo, respeitando as regras de segurança inerentes ao ambiente prisional, buscou-se identificar estratégias que pudessem favorecer o processo de ensino e aprendizagem de ciências/biologia no ambiente prisional. Para isso, foram estabelecidas conversas entre a professora de ciências/biologia e seus alunos, sobre sugestões para favorecer o aprendizado. Após diálogos com algumas turmas, foi identificado o interesse por filmes. Este interesse pode ser explicado pela enorme influência que o cinema exerce sobre a cultura contemporânea, mas também pode ser interpretado como uma tentativa de superar o sentimento de desatualização que o isolamento provoca nos presos (ONOFRE, 2007). Ao assistir um filme eles partilham de uma vivência social que os remete à vida extramuros.

Segundo Napolitano (2009 p.11), utilizar cinema em sala de aula *“é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte*. O cinema pode auxiliar a aproximar a escola da vida cotidiana, pode favorecer o aprendizado por estimular o interesse e o diálogo. Entretanto, o professor, ao utilizá-lo deve propor uma leitura mais profunda que extrapole o lazer e que possa distinguir ficção e conhecimento científico. O mesmo autor assinala ainda que o cinema é capaz de transportar pessoas à épocas, lugares e situações totalmente diversas daquelas em que vivem. Através das imagens e sons é possível ver e sentir emoções retratadas no filme. Apesar de o filme ser um produto voltado para a arte e o entretenimento, ele pode ser utilizado para fins didáticos.

A possibilidade de se utilizar filmes como uma estratégia didática fez surgir duas questões: *“O uso de filmes pode favorecer o ensino de ciências/biologia na educação prisional?”* e *“Diferentes linguagens cinematográficas, como um documentário, um filme de longa ou curta metragem despertariam interesse semelhante em alunos do sistema prisional?”*. A fim de buscar responder estas questões foram realizadas exposições em turmas da educação prisional do DF e posteriormente suscitadas discussões e solicitadas atividades. A pesquisadora atuou como observadora participante e foram realizadas anotações em um diário de bordo. As interações resultantes da intervenção foram analisadas buscando identificar em que medida as manifestações dos estudantes refletiam seu interesse pela exibição de cada uma das modalidades.

Exibição de um filme de longa-metragem

Para averiguar a adequação de uma proposta de ensino de Biologia a partir da exibição de um filme de longa metragem, na educação prisional, foi exibido o filme “A Ilha”¹ para uma turma do 3º Segmento da Educação de Jovens e Adultos – EJA prisional do DF (equivalente ao ensino médio do ensino regular). “A Ilha” é um filme que retrata um futuro no qual pessoas financeiramente favorecidas podem pagar para que uma empresa produza clones dos quais podem ser retirados órgãos para serem utilizados por aqueles que pagaram. Esse filme foi escolhido por abordar um tema biológico (clonagem) relacionado às aulas que estavam sendo desenvolvidas sobre corpo humano.

A exibição ocorreu em outubro de 2009 para oito alunos do 3º Segmento e também para os alunos dos 1º e 2º Segmentos que, ao verem a televisão, se interessaram e pediram autorização para assistir. A sala de aula ficou repleta de alunos, a maioria sentada nas carteiras, alguns sentados à frente, no chão, e outros em pé ao fundo da sala, indicando o grande interesse por filmes.

No início do filme um aluno disse: “*Parece que eles estão presos, que nem nós: tudo de branco!*” (REINALDO²). A leitura que ele fez da situação apresentada foi rápida em função da similaridade. Na Penitenciária do DF, os detentos vestem-se apenas de branco e os policiais de preto, situação semelhante à verificada no filme. Em outro trecho do filme, em que os personagens faziam uma refeição, um aluno comentou: “*Essa cadeia tá uma uva, pode até pedir o que quiser!*” (ROBERTO). Freire (1987) ressalta que a leitura não é a simples decodificação da palavra, mas um exercício crítico que envolve a leitura de mundo. A leitura de mundo é anterior à leitura da palavra e decorre da vivência. “*A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente*” (FREIRE, 1987, p. 11). Desta forma, a leitura que se faz de um texto (quer seja escrito, quer seja um filme) é influenciada e influencia na leitura de mundo. Ao assistirem ao filme, os alunos foram ‘lendo-o’, interpretando-o e estabelecendo ligações com suas vivências.

Também foi observada uma busca por compreender as situações apresentadas no filme. Além de haverem estabelecido comparações com as vivências, também utilizaram seus saberes, buscando compreender as situações do filme à luz, inclusive, de conhecimentos escolares que já possuíam. Numa cena a respeito do desenvolvimento de clones um aluno questionou: “*Aquilo ali é a placenta?*” (TIAGO). Ele relacionou uma estrutura vista no filme à um anexo embrionário.

No transcorrer do filme, os alunos comentavam algumas cenas, e demonstravam muito interesse. Entretanto, o tempo da aula estava terminando o que fez a professora sugerir que a atividade fosse interrompida. Foi estabelecido o seguinte diálogo:

Professora: Gente, infelizmente a nossa aula está terminando... Eu sugiro duas opções: Opção A, vamos adiantar o filme e ver o final. Opção B, vamos terminar de ver o filme na próxima aula.

¹ A ILHA. Michael Bay (dir.). EUA: DreamWorks, 2005. 1 filme (136 min.), son., col. [Título original: *The island*]. Leg. português.

² Este e os outros nomes de alunos apresentados são fictícios.

Alguns alunos: Melhor a opção B!

Roberto: Não tem opção C? A senhora fica com a gente até o filme acabar?

Professora: Eu posso ficar... Mas não sei se será possível...

Roberto: Eu posso perguntar?

Professora: Pode.

O aluno foi até a grade e pediu autorização para continuar a exibição do filme até o final, o que foi autorizado pelo policial. A atitude do aluno permitiu que o filme fosse exibido na íntegra e mostrou que na educação prisional pode haver espaço para a flexibilidade e o entendimento entre a ação pedagógica e a policial. Esta atitude também permite inferir que a abertura de um campo de diálogo em sala de aula pode ampliar o diálogo em outras esferas sociais. Ao final da exibição, avisei que na aula seguinte discutiríamos o filme, e quando estava deixando a sala um aluno se aproximou, me dizendo: “*Professora, depois do dia de visita, a melhor coisa que tem no presídio são suas aulas!*” (ANDRÉ). Esse comentário foi feito por um aluno do 3º segmento e me causou grande contentamento. Naquele instante, refleti acerca da importância da educação prisional, da importância de possibilitar ao encarcerado uma visão sobre si mesmo não apenas como preso, mas como uma pessoa capaz de refletir e de aprender, com liberdade para dialogar, com liberdade para se relacionar com o meio social através de um filme. A discussão sobre o filme ocorreu quinze dias após sua exibição e, apesar do tempo transcorrido, os alunos foram capazes de identificar diversas situações relacionadas com a biologia. Eles relataram que gostaram muito do filme e se recordava das cenas, o que favoreceu a discussão. Esta etapa foi fundamental, pois como recomenda Napolitano (2009) é importante que o professor relacione o filme (cultura cotidiana) aos conteúdos escolares e proponha leituras mais aprofundadas.

O assunto polêmico da clonagem foi o primeiro a ser discutido, e tanto questões biológicas quanto éticas foram levantadas. A partir deste tema, outros assuntos foram sendo abordados, como fecundação, desenvolvimento fetal, anexos embrionários e formação de clones naturais (gêmeos). Também foi abordada a importância da alimentação para a saúde.

Para avaliar a atividade desenvolvida, foi solicitado aos alunos que escrevessem um texto. Todos entregaram, e a leitura destes textos indica que eles consideraram o assunto da clonagem “*atual e polêmico*” (ANDRÉ). Aspectos sociais, éticos e biológicos foram apontados nos textos produzidos pelos alunos. Um deles expressou a visão que possuía da empresa que comercializa os clones: “*uma organização criminosa, controla o conhecimento tecnológico*” (ROBERTO). Sobre esta possibilidade ser real um aluno afirmou: “*não acredito que no futuro possa existir um comércio de clones*” (ANTÔNIO), outro argumentou que “*o homem apesar de muito inteligente, ridiculamente está brincando de ser Deus*” (TIAGO) e outro aluno: “*Existem dúvidas a respeito do assunto por ser uma pesquisa polêmica que merece uma atenção maior*” (LUCIANO). Sobre os clones do filme eles os associaram a presos e a “*animais prontos para irem para o abatedouro*” (ANTÔNIO). Os textos indicaram que os alunos foram capazes de ‘ler’ o filme e se posicionar sobre questões apresentadas, além de exercitarem a capacidade de se expressar pela escrita.

Os alunos se interessaram pelo filme e participaram da discussão, o que possibilitou que por meio dessa atividade houvesse um diálogo do professor com o aluno, como preconiza Paulo Freire (1979). Outros aspectos relevantes foram o entretenimento possibilitado pelo filme a possibilidade do aluno, mesmo estando encarcerado, vivenciar uma atividade que remete à vida além das grades. A exibição de um filme de longa-metragem mostrou ser uma atividade cultural

que pode favorecer o interesse, o diálogo e a aproximação entre professor e aluno, entre o lúdico e o científico, entre o preso e a vida em sociedade.

Exibição de curta-metragem e de documentário

O filme de longa-metragem, o documentário e o curta possuem estruturas próprias e, apesar de todos poderem ser utilizados com fins didáticos, são vistos de forma diferenciada pelos alunos. Como pudemos verificar pela conversa com os alunos, quando eles solicitam assistir um filme nas aulas, eles tem em mente, em geral, um filme de longa-metragem, o que é veiculado em cinemas e na televisão. Buscando sondar o interesse por documentários e filmes de curta-metragem, foram realizadas atividades com quarenta e seis alunos do 2º Segmento, em março e abril de 2010. Quatro turmas, duas da 3ª etapa do 2º Segmento (equivalente à 7ª série ou 8º ano do ensino regular) e duas da 4ª etapa (equivalente à 8ª série ou 9º ano do ensino regular), assistiram ao documentário “A máquina alimentar” e, em outro momento, ao curta “Ilha das Flores”³. Estes títulos foram escolhidos por se relacionarem ao conteúdo que estava sendo abordado (corpo humano). “A máquina alimentar” é um episódio do documentário “Atlas do Corpo Humano”⁴, produzido por pela Discovery em 2006, que aborda o sistema digestório, com fins didáticos. “A Ilha das flores” é um premiado curta metragem ficcional de 12 minutos de duração, dirigido por Jorge Furtado e produzido em 1989, que mostra a trajetória de um tomate, desde o seu plantio até ser descartado em um lixo e servir de alimento para seres humanos.

A presença da televisão na sala de aula, por si só, despertou muito interesse e curiosidade nos alunos. A exibição do documentário “A Máquina Alimentar” durou aproximadamente vinte minutos. Os alunos permaneceram atentos e ao final relataram que gostaram, pois “*ficou mais fácil de entender o conteúdo*” (JADER).

Segundo Napolitano (2009), o documentário é um dos gêneros mais utilizados em sala de aula, provavelmente por abordar, com frequência, assuntos relativos aos conteúdos escolares. Todavia, a discussão suscitada após a exibição, se comparada com aquela que se seguiu à exibição do filme de longa metragem, foi mais restrita, porque se deteve apenas a aspectos ligados aos conteúdos de fisiologia.

Como evidencia da forte preferéncia dos alunos pelo filme de longa metragem, um dos alunos, ao término da exibição do curta metragem, questionou: “*Mas, professora, quando a senhora vai trazer um filme para a gente?*” (GIOVANE), revelando como, para este aluno, o documentário e o filme de longa-metragem são diferentes, e seu maior interesse pelo último.

O documentário utilizado possuía uma linguagem mais próxima daquela empregada em sala de aula, e era voltado para um conteúdo escolar, como ocorre com frequência. No caso específico, a alimentação e a digestão foram abordadas enfatizando os conteúdos de natureza biológica sem que houvesse, entretanto, situações que suscitassem discussões acerca de fatores

³ ILHA DAS FLORES. Jorge Furtado (dir.). Brasil: Sagres, 1988. Parte da coletânea *Curta os gaúchos*.

⁴ ATLAS DO CORPO HUMANO – A máquina alimentar. Linda Diehl (ed.). EUA: Discovery, 2006. (75 min.).

culturais, sociais ou econômicos relacionados à alimentação. Isso se refletiu no debate que se seguiu a sua exibição, centrado nestes aspectos biológicos.

Em outro momento, foi exibido o curta-metragem “Ilha das Flores”. Apesar de terem sido informados de que se tratava de um curta-metragem, os alunos se surpreenderam pelo filme ter terminado tão rapidamente e a fisionomia de alguns transpareceu decepção. A leitura da obra, entretanto, foi rica e alguns relataram que a temática do filme era triste e se aproximava da realidade que viveram. Um deles, Antônio, expressou de maneira clara o fato de que reconhecia, na leitura que fez do filme, sua própria realidade: “*Ah, professora! Se fosse para ver miséria era só eu falar sobre a minha vida.*”.

Ao final da exibição, foi realizada uma discussão e, posteriormente, solicitado aos alunos que respondessem por escrito algumas questões. Uma das questões interrogava sobre a preferência dos alunos quanto aos estilos de filmes: “Você gostou do filme? Preferia ter visto um filme de longa metragem? Por quê?”. As respostas dos alunos revelam que a maioria gostou do filme, mas preferia ter assistido a um filme de longa metragem. Dentre as justificativas destacam-se: “para entender melhor”, “abrange mais assuntos”, “distrair a mente”, “mais interessante”, “entretenimento”, “ver coisas diferentes” e “tem tempo que não vejo filme”.

Para verificar a compreensão da história do filme, foi solicitado que elaborassem um resumo. Todos realizaram esta atividade, alguns com maiores detalhes e outros de forma mais sucinta. Contudo, mesmo um dos alunos, que argumentou não ter prestado muita atenção foi capaz de descrever a história.

Para exemplificar o entendimento dos alunos, segue a transcrição do resumo de Lindovaldo:

A história fala sobre um lixão chamado Ilha das Flores. Fala sobre um produtor de tomates, chamado Sr. Suzuki, que produz tomates e os vende a um mercado. O mercado os revende a consumidores. No filme cita como exemplo uma vendedora de perfumes que compra os tomates. Ela joga os tomates fora por não servirem (estarem estragados). Após serem jogados fora, os tomates vão para um lixão chamado Ilha das Flores, onde são dados aos porcos. Como não servem nem aos porcos, são reaproveitados por uma família.

A partir da história do filme, os alunos identificaram diversos temas relacionados ao ensino de ciências/biologia: alimentação, higiene, lixo, vermes, doenças, classificação dos seres vivos, dentre outros. Importante salientar que este conteúdo não estava descontextualizado, ao contrário, cada um dos temas levantados trazia questões relevantes sob diferentes abordagens (aspectos sociais, econômicos e culturais), o que enriqueceu as discussões e se refletiu em alguns resumos. Como exemplo, Giovane argumentou:

Nós todos somos iguais, temos cérebro super desenvolvido com capacidade de raciocinar. Porém, não temos uma igualdade socioeconômica, uns ganham mais que os outros e outros não ganham nada. Somos desiguais socioeconomicamente.

Apesar de não ter despertado o mesmo interesse que o longa metragem, o filme de curta-metragem foi fonte para discussões que parecem ter favorecido tanto o aprendizado de biologia quanto um debate a respeito de importantes assuntos sociais e econômicos. Um aspecto que chama a atenção é o fato de que os dois filmes que foram mais apreciados e resultaram em leituras mais ricas por parte dos alunos eram ficcionais. Como salienta Arroio (2010), ao apresentarmos um filme, além do conteúdo, são transmitidas emoções, sentimentos, ações e conhecimento, ao mesmo tempo em que a aquisição cultural pode fornecer ao indivíduo sistemas

simbólicos de representação da realidade, criando um impacto mais forte nos estudantes do que outras mídias. (Arroio, 2010).

Considerações Finais

O ensino de Biologia em prisões deve respeitar as regras de segurança do presídio, entretanto, isto não significa aulas “prisoneiras” do sistema, ao contrário, o professor deve se sentir livre para buscar estratégias que facilitem o aprendizado, que estimulem os alunos e se perceberem como pessoas plenas, ricas de saberes e vivências, capazes de ‘ler’ a realidade e de ler e re-ler a própria história.

O aluno encarcerado demonstra grande interesse por atividades que remetem à vida em liberdade, como assistir a um filme. Esse interesse pode ser aproveitado para favorecer o aprendizado e ampliar as possibilidades de diálogo.

A presente investigação buscou elucidar duas questões: se o uso de filmes pode favorecer o ensino de ciências/biologia na educação prisional e se diferentes linguagens cinematográficas, como um documentário, um filme de longa ou curta metragem despertariam interesse semelhante em alunos do sistema prisional. Em relação à primeira questão concluímos que filmes podem favorecer o ensino de biologia no ambiente prisional, pois despertam interesse nos alunos e favorecem o diálogo. Em relação à segunda questão foi observado que dentre as diferentes linguagens cinematográficas, o filme de longa metragem é o que desperta um interesse maior entre alunos do sistema prisional por propiciar entretenimento, por propiciar uma vivência cultural que os remete à vida além das grades. Portanto, utilizar filmes na educação prisional, além de favorecer o aprendizado de conteúdos escolares, aproxima os alunos/detentos da vida em sociedade.

Conforme o exposto, a exibição de um filme de longa metragem na educação prisional desperta grande interesse e estimula o diálogo. O filme é visto como um momento de entretenimento, e pode ser aproveitado para exercer a leitura de mundo, a reflexão e o aprendizado. Provavelmente outros estudos acerca deste assunto identifiquem resultados semelhantes, pois um filme de longa metragem na educação prisional é muito apreciado, é um momento de liberdade.

Referências

ARROIO, A. Context based learning: A role for cinema in science education. **Science Education International**, v. 21, n. 3,131-143 , 2010.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Imprensa Oficial, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <ftp://ftp.fnde.gov.br/web/siope_web/lei_n9394_20121996.pdf >. Acesso em 24/11/2009.

_____. **Lei de Execuções Penais.** Lei n. 7.210 de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/leis/L7210.htm>. Acesso em: 24/11/2009.

DISTRITO FEDERAL. Fundação de Amparo ao preso trabalhador. **Relatório de atividades de maio de 2010.** Brasília: Trabalho não publicado, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1987.

_____. **Educação e mudança.** 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula.** 4.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, M. K. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação.** n. 12, p. 59-73, setembro de 1999.

ONOFRE, E. M. C. (Org.) **Educação Escolar entre as grades.** São Carlos: Edufscar, 2007.